



Educação & Patrimônio

Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis

2023



SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO
**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO

Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis

**A RELIGIÃO E A ARTE NO SANTUÁRIO
ARQUIDIOCESANO SÃO FRANCISCO DE ASSIS**

VOLUME 03

2023



FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

E24 Educação e patrimônio [recurso eletrônico]: a religião e a arte no Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis: volume 03 / equipe técnica: Luciana Araújo, Rayane Rosário, Maria Clara Zócoli Perácio. Belo Horizonte, MG: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2023.
E-book (31 p. : il).

Realização: Arquidiocese de Belo Horizonte, Vicariato Episcopal para Ação Missionária na Arte, Cultura e Bens Culturais, Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis.

1. Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis (Belo Horizonte, MG). 2. Igreja Católica. Arquidiocese de Belo Horizonte (MG). 3. Patrimônio mundial - Aspectos religiosos - Cristianismo. 4. Arquitetura religiosa - História. 5. Patrimônio cultural - Preservação. 5. Igrejas católicas - Projetos e construção. 7. Cultura na arte. I. Araújo, Luciana. II. Rosário, Rayane. III. Perácio, Maria Clara Zócoli. IV. Título.

SIB
CDU: 27(815.1)

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086



Apresentação

Seria relativamente fácil iniciar essa apresentação como o resultado de um projeto. E se assim fosse, não seria uma inverdade, mas a informação estaria incompleta. Este material vai além, ele é parte de um processo em construção partilhada, iniciado por meus antecessores e que, com muito carinho, assumo a responsabilidade e entendo seu real valor.

O Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis foi uma das maiores e melhores surpresas em minha vida pastoral. Possuía experiência na minha amada Paróquia de Nossa Senhora da Saúde, mas sobrava, em mim, entusiasmo para novos desafios. E com muita alegria, ainda no ano de 2021, assumi o compromisso pastoral com o Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis, à época, Capela Curial, símbolo patrimonial de relevância internacional. Desde então, mantenho o compromisso na preservação do patrimônio cultural com o propósito de um trabalho em comunhão entre a religião e arte, a cultura e a devoção.

Mas, muitos são os caminhos a percorrer e, dentre todas as ações e projetos realizados, este se destaca por se firmar como ação educativa e pastoral. Só posso expressar que acredito no potencial educacional da mediação patrimonial e em seus alcances missionários e evangelizadores. E, com carinho e particular entusiasmo, apresento o terceiro volume da Cartilha “Educação e Patrimônio”, de tema central pautado na representação da religião através da arte retratada no Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis, **nosso Patrimônio da Humanidade**.

Pe. Ednei de Almeida Costa

Reitor

Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis



Introdução

Elevada à condição de Santuário Arquidiocesano em 04 de outubro de 2021¹, a edificação religiosa que compõe o Conjunto Moderno da Pampulha é considerada a obra-prima da arquitetura modernista brasileira.

Assim como os outros edifícios modernistas do Conjunto, o atual Santuário Arquidiocesano foi idealizado por Oscar Niemeyer e apresenta singularidades em sua concepção, uma vez que o arquiteto ousa em novos experimentos, iniciando o que seria a diretriz de suas obras: a plasticidade do concreto armado, em formas ousadas e marcantes. Dessa forma, temos o Conjunto Moderno da Pampulha como obra seminal na arquitetura brasileira, por iniciar o movimento de contestação da monotonia e das limitações do funcionalismo em nome de uma maior liberdade plástica.

No que se refere aos seus elementos artísticos, Niemeyer convida Cândido Portinari, Paulo Werneck e Alfredo Ceschiatti, para o projeto, deixando a responsabilidade paisagística a cargo de Burle Marx. Em suas palavras “sempre que me permitem, convoco os artistas plásticos. (...) Na da Pampulha, meu primeiro projeto, convidei Portinari, Ceschiatti e Paulo Werneck. Eram grandes artistas, bons amigos e, como é natural, a eles sempre recorri.”²

Com conclusão datada em 1945, o Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis abriga, com grande harmonia, ornamentação pictórica e artes em azulejos, tudo em integração entre arquitetura, obras de arte e paisagem, em unidade entre seus ambientes interiores, exterior e entorno.

Neste terceiro volume, serão abordadas as composições ornamentais que caracterizam o Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis, identificando e conceituando seus elementos artísticos, apresentando uma narrativa construtiva entre as obras e seus artistas.

1. A edificação foi erigida como Igreja, sendo transformada em Capela Curial pelo Decreto nº 03G/2005 de 05 de agosto de 2005 e no dia 04 de outubro de 2021, por meio do Decreto nº 10/2021, foi elevada a Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis, pelo Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, com nomeação do Pe. Ednei de Almeida Costa para a função de Reitor.

2. NIEMEYER, 1998. In: catálogo da exposição “Paulo Werneck: muralista brasileiro”, realizada no Paço Imperial entre os dias 18 de setembro e 09 de novembro de 2008.



A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICA NO SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

O Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis é considerado um dos principais e melhores exemplos da integração entre a arte e arquitetura moderna brasileira, uma vez que o trabalho pictórico se encontra “indissolivelmente ligado à construção” (CAVALCANTI, 2006, p. 199). Composto por abóbadas revestidas por pastilhas, não há vigas ou pilares estruturais na edificação, o que proporcionou, à época de sua construção, uma silhueta arquitetônica única e inovadora para um templo religioso.

Os trabalhos artísticos dispostos externamente são adequados ao molde arquitetônico da edificação, expressando valores e significados culturais únicos.

Iniciaremos a apresentação das obras pela a composição dos mosaicos em tons azulados, que, num diálogo com as curvas do templo, **formam painéis abstrato-geométricos em movimentos sinuosos.** De autoria do artista plástico Paulo Cabral da Rocha Werneck, os painéis “projetam-se nas suas laterais externas com suas formas alongadas que se ‘entrelaçam e sobrepõem como que sopradas pelo vento’” (MARTINS, 2008). Tratam-se de duas obras em mosaico que se lançam sobre um fundo de pastilhas azuis. Cada painel possui a dimensão de 19 metros, conformando uma faixa de 3,20m, apresentados com formas leves e flexíveis.



MOSAICOS: Técnica milenar de revestimento de paredes e pisos, usadas por diversos povos para ornamentar suas edificações. Segundo o Dicionário da Arquitetura Brasileira, os mosaicos são “obras de arte executadas com pequenos pedaços de vidro, esmalte, pedras coloridas ou mármore engastados em base apropriada de argamassa, estuque ou mesmo betume e cola (CORONA e LEMOS, 2017, p. 327).



PAINÉIS ABSTRATO-GEOMÉTRICOS, DE PAULO WERNECK



Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.

A segunda obra em destaque é o referido **mural, de autoria de Cândido Portinari, exibido na fachada posterior do Santuário**. Composto por cenas inspiradas nas passagens da vida de São Francisco de Assis: no arco central retrata, na concepção do artista, a pacificação do lobo de Gubbio; São Francisco se dirige para beijar um leproso, e, ao alto, enquadrada em janela, a figura de uma pessoa assustada, representando a cena da expulsão dos demônios, por Frei Silvestre, na cidade de Arezzo. À direita São Francisco falando a aves. À esquerda, São Francisco possivelmente diante de Santa Clara, que, ao abraçar a vida religiosa, corta simbolicamente os cabelos.

MURAL POSTERIOR, DE CÂNDIDO PORTINARI



Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.

Todo o painel foi elaborado em azulejos, com cores em branco e azul. Como elemento artístico, remete ao período colonial brasileiro, o que reforça a ideia de busca pela identidade cultural brasileira pontuada nas obras produzidas por Portinari durante o modernismo.



MURAL: Modernamente designa a obras de grandes dimensões executadas em muros ou paredes (CORONA; LEMOS, 2017). As pinturas em murais remontam às primeiras representações criadas pelo homem - pinturas rupestres - símbolos elaborados por diversos povos como um meio de comunicação e interpretação de mundo para aquelas pessoas. No decorrer dos séculos, as representações e as técnicas da arte executada em murais ganharam novos contornos e percepções.

O modernismo brasileiro impulsionou o uso de variadas técnicas na produção da arte muralista, além da pintura foram incorporados os afrescos, azulejos e os mosaicos. O estilo das representações muralistas vai do abstrato ao figurativo.



Ainda em comunhão com a arquitetura, encontram-se os jardins, com projeto paisagístico de autoria de Roberto Burle Marx. Composto por três canteiros: um acompanha as fachadas laterais e posterior, os outros dois estão, respectivamente, à direita e à esquerda do templo. Com uma concepção inovadora, o projeto paisagístico substituiu os tradicionais jardins europeus, que há anos integravam a arquitetura brasileira. Como um expoente do movimento modernista, Burle Marx adota os traços curvilíneos aos seus projetos paisagísticos.

Em âmbito interno, os elementos artísticos retratados são de autoria dos artistas Alfredo Ceschiatti e Cândido Portinari. Neste ambiente estão representadas as figuras que orbitam os símbolos da história do cristianismo, além de destacar os aspectos da vida santa de São Francisco, em obras localizadas no **altar, púlpito, batistério, confessionário, supedâneo, coro e via-sacra.**

O **altar** é decorado com um afresco expressionista em têmpera que retrata São Francisco despojando-se de suas vestes em simbolismo ao desapego aos bens materiais, que de pé, abençoa com o braço direito erguido, à direita, duas mulheres, retratando Santa Clara e sua irmã Beatriz. Ao fundo, uma pessoa de pé, de costas, segura uma criança nos braços. À esquerda, aos pés do Santo, um cão³, curiosamente representado ao invés do tradicional lobo, logo a seguir, um paralítico que teria sido curado por um milagre, sustentado por um frade. Ao redor grupos diversos de pessoas, membros das Ordens Primeira (frades) e Segunda (freiras) e, mais atrás, da Terceira (leigos).



Fonte: <https://www.viajantecomum.com/wp-content/uploads/2016/11/igrejinha-da-pampulha-belo-horizonte.jpg>

3. Popularmente, é considerado que para esta representação, o artista quis buscar resquícios da brasilidade na obra ao utilizar-se de um animal que melhor condizia com o cotidiano brasileiro.

ALTAR/ PAINEL

Apresenta formas geométricas e recortadas, em tonalidades distintas, predominando os tons pastéis, além de apresentar sobreposição de planos compostos por diferentes zonas cromáticas. São as pinceladas largas e as deformações elementares que evidenciam a influências dos estilos expressionista e cubista (TEIXEIRA, 2008).

Vale destacar que, no decorrer do processo de elaboração do painel, Portinari contou com o auxílio dos artistas Santa Rosa⁴, Athos Bulcão⁵ e José Moraes⁶. Grandes nomes do cenário artístico modernista que deixaram suas marcas em diversas obras e projetos presentes no Brasil.



Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.



ALTAR: O uso de altares está ligado às práticas de sacrifício primitivos, entretanto, sua concepção formal no cristianismo sofreu grande variação. Do século I ao IV apresenta formas simples, sofisticando-se através da ornamentação com referência simbólica. No século XI aparecem grandes painéis pictóricos acima do altar e a forma de retábulo é adotada principalmente a partir do século XIII.

4. **Santa Rosa** (1909 - 1956):

Paraibano, ilustrador, artista gráfico, cenógrafo, pintor, decorador, figurinista, gravador, professor e crítico de arte. Nos anos 1930, fixou residência no Rio de Janeiro. Ilustra livros de Jorge Amado e funda, em 1933, o grupo teatral Os Comediantes. Como cenógrafo, colabora com o grupo Teatro Experimental do Negro, que apresenta uma atividade pioneira ao lançar atores negros. Em sua pintura, encontram-se referências a Picasso e Portinari. Auxilia Portinari no acabamento de vários de seus murais (CADERNO DE EDUCAÇÃO, 2005, p.12).

5. **Athos Bulcão** (1918-2008): Nasceu no Rio de Janeiro. Foi pintor, escultor, fotógrafo e ilustrador. Estudou com Cândido Portinari, na antiga capital federal. Em 1945, é um dos assistentes de Portinari na confecção do painel São Francisco de Assis, na Pampulha. No ano de 1950, desenvolve um extenso trabalho de fotomontagens, ilustra livros, revistas, capas de discos e canários. Trabalhou com Oscar Niemeyer nos azulejos e vitrais da Igreja Nossa Senhora de Fátima e nos relevos para o Teatro Nacional, em Brasília, e para o Memorial da América Latina, em São Paulo (CADERNO DE EDUCAÇÃO, 2005, p.12).

6. **José Moraes** (1921 - 2003)

Nasceu no Rio de Janeiro. Foi pintor, escultor, gravador e ilustrador. Em 1942, tornou-se assistente de Cândido Portinari, em Brodowski. Em 1945, trabalhou com Portinari no painel do altar da Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha. Destaca-se a execução de mosaicos e afrescos. Em 1958, mudou-se para São Paulo e, posteriormente, tornou-se professor da Faap (CADERNO DE EDUCAÇÃO, 2005, p.12).





Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.

PÚLPITO

O **púlpito**, construído de forma curva, é **revestido em azulejaria nas cores azul e branca**, apresentando três cenas que narram o cotidiano de São Francisco em contato com a natureza, pregando para as pessoas e animais. A cena central representa São Francisco, de pé, em ligeiro perfil, com um pássaro na mão esquerda, calçando sandálias e vestindo hábito, tendo atrás um grupo de seis pessoas, um frade com capuz e observadores. A cena da esquerda é composta por um grupo de quatro pessoas de pé, uma de costas, um ancião sentado, segurando um cajado e uma criança na frente, de pé. Já na cena da direita há um grupo de três pessoas: um ancião sentado, mão direita indicando ouvir, outra de pé e a terceira, atrás, de braços erguidos. Na composição das cenas e dispostas entre as figuras encontram-se pássaros no ar e algumas aves no chão.



Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.



PÚLPITO: é uma espécie de tribuna destinada às pregações e sermões do sacerdote. A construção deste elemento nas igrejas aparece por volta do século XIV em substituição ao ambão e é ornamentado de acordo com o gosto de cada época. Muitas igrejas mineiras possuem dois púlpitos dispostos nas laterais da nave, um ao lado do Evangelho e o outro ao lado da Epístola.



BATISTÉRIO E CONFESSIONÁRIO

O **batistério e o confessionário** são compostos em mesmo ambiente. O batistério é formado por meia-parede curva, revestido externamente por azulejos e em seu interior encontram-se placas de bronze em baixo-relevo. As representações que ornamentam o revestimento externo são de autoria de Cândido Portinari, enquanto a obra que adorna a porção interna foi elaborada por Alfredo Ceschiatti. Já o confessionário é formado por semicírculo irregular, também de meia-parede e ligado ao batistério, ao qual dá continuidade e, é revestido internamente por reboco pintado de branco. Sua face externa recebe, de um lado, a placa de bronze do batistério, com o baixo-relevo da Expulsão do Paraíso e, do outro, painel de azulejos com grupo de anjos, sendo o primeiro representado vestindo uma túnica longa, com a cabeça direcionada para o lado, segurando rolo de pergaminho.

No painel que reveste a parede externa do batistério encontram-se seis cenas que marcam o início do Ministério de Jesus - representação da narrativa do batismo de Cristo.



1ª CENA: apresenta um grupo de cinco pessoas, quatro de pé, uma de costas, outra também de costas e de joelhos, com um cajado na mão esquerda.



2ª CENA: São João Batista de pé, túnica curta, mão direita estendida sobre a cabeça de Jesus de pé, em posição frontal, mãos cruzadas sobre o peito, vestindo saíote, com pomba sobre a sua cabeça.



3ª CENA: grupo de anjos, dois completos, vestindo longas túnicas, com asas grandes e de pé, e cinco rostos esboçados atrás.



4ª CENA: Figura masculina com o corpo recurvado e o pé direito sobre uma rocha, com a mão direita sobre a perna e pé esquerdo à margem d'água, vestido de túnica curta.



5ª CENA: anjo com túnica longa ornada com círculos, asas grandes e uma toalha nos braços. Circundando a cena, pássaros em pleno voo.



6ª CENA: duas figuras, uma de saíote curto, dorso nu, manto nas costas e braços para o alto, cruzados e outra de túnica longa e cajado, tendo ao seu lado quatro cordeiros deitados.

PAINEL DE BRONZE



Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.

A **via-sacra**⁷, produzida em têmpera sobre eucatex, é composta por quatorze quadros que retratam o caminho que Jesus traçou carregando a cruz, desde sua condenação até a crucificação. O uso da via-sacra nos templos católicos é extremamente comum, sendo prática ainda nos dias atuais.

7. Também conhecida como *via-crucis* (*Caminho da Cruz*). Trata-se de uma devoção secular, em representação formada por um “conjunto de painéis, pintados ou relevados, ou cruzeiros, designados por estações da via-sacra, que representam ou simbolizam o caminho de Jesus para o Calvário. As estações, geralmente em número de catorze, são dispostas espaçadamente no interior da igreja. Apresentam um número e, por vezes, uma inscrição que refere a ordem da estação no conjunto e um texto de comentário” (ROCCA, et al., 2004, p. 111).

VIA-SACRA



I ESTAÇÃO – JESUS É CONDENADO À MORTE.

A condenação de Cristo à morte na cruz é uma cena bíblica: “Porém os chefes dos sacerdotes e os anciãos convenceram as multidões para que pedissem Barrabás, e que fizessem Jesus morrer (...)”. (Mateus 27, 20-26). No quadro está sintetizado o processo de julgamento de Jesus, desde o momento em que foi apresentado a Pilatos até a sua condenação.



II ESTAÇÃO – JESUS TOMA A CRUZ ÀS COSTAS.

“Então, finalmente, Pilatos entregou Jesus a eles para que fosse crucificado (...)” (João 19, 16-17). Na cena aparecem Jesus com a cruz e dois soldados, um empunhando um chicote e outro ajudando-o a segurar a cruz.



III ESTAÇÃO – JESUS CAI PELA PRIMEIRA VEZ.

Representação da primeira queda de Jesus, devido ao peso da cruz, ladeado por dois soldados.



IV ESTAÇÃO – JESUS SE ENCONTRA COM MARIA, SUA MÃE.

Cena baseada na tradição católica.



V ESTAÇÃO – SIMÃO CIRINEU AJUDA JESUS A LEVAR A CRUZ.

Cena baseada nos Evangelhos:

“Quando saíram encontraram um homem chamado Simão, da cidade de Cirene, e o obrigaram a carregar a cruz de Jesus”. (Mateus 27, 32).



VI ESTAÇÃO – VERÔNICA ENXUGA O ROSTO DE JESUS.

Representação lendária de Verônica enxugando o rosto de Jesus com pano branco onde fica estampada a sua face. Segundo Louis Réau, em *Iconografia da Arte Cristã*, a lenda de Verônica originou-se no Oriente e somente no século XV foi associada à Paixão de Cristo, quando atingiu o auge de sua representação. Na realidade, Verônica vem de *vera ícona* (imagem verdadeira). Cena baseada na tradição católica.



VII ESTAÇÃO – JESUS CAI PELA SEGUNDA VEZ.

Cena baseada na tradição católica.



VIII ESTAÇÃO – JESUS ADMOESTA AS MULHERES DE JERUSALÉM.

Baseada nos Evangelhos, refere-se à passagem em que Jesus se dirige às mulheres que se lamentavam por Ele: “Jesus, porém, voltou-se e disse: mulheres de Jerusalém, não chorem por mim! Chorem por vocês mesmas e por seus filhos!” (Lucas 23, 28).



IX ESTAÇÃO – JESUS CAI PELA TERCEIRA VEZ.

Representação da terceira queda de Jesus, sob o peso da cruz. Aparecem Simão Cirineu, um soldado e uma mulher. Cena baseada na tradição católica.



X ESTAÇÃO – JESUS É DESPOJADO DE SUAS VESTES.

“Quando crucificaram Jesus, os soldados repartiram as roupas dele em quatro partes. Uma parte para cada soldado. Deixaram de lado a túnica. Era uma túnica sem costura, feita de uma peça única, de cima até embaixo”. (João 19, 23).



XI ESTAÇÃO – JESUS É PREGADO NA CRUZ.

A cena é baseada nos Evangelhos: “Quando chegaram ao chamado ‘lugar da Caveira’, aí crucificaram Jesus e os criminosos, um à sua direita e o outro à sua esquerda”. (Lucas 23, 33).



XII ESTAÇÃO – JESUS MORRE NA CRUZ.

A cena é baseada nos Evangelhos, onde é narrada a morte de Jesus na cruz: “Então Jesus deu outra vez um forte grito e entregou o espírito”. (Mateus 27, 50).



XIII ESTAÇÃO – JESUS É DESCIDO DA CRUZ.

Segundo a tradição católica, o corpo de Jesus foi colocado no colo de Maria. No descendimento, segundo a narrativa bíblica, estavam presentes José de Arimatéia e Nicodemos. As mulheres que vinham seguindo Jesus desde a Galiléia estavam postadas ao longe, acompanhando a cena. Dentre elas, Maria, sua mãe, a irmã de Maria, mãe de Tiago, o menor e de José, Maria Madalena e Salomé. A referência à cena está em João 19, 25, em Mateus 27, 56, em Marcos 15, 40 e em Lucas 23, 52.



XIV ESTAÇÃO – JESUS É DEPOSITADO NO SEPULCRO.

A cena é narrada nos Evangelhos: “José, tomando o corpo, o envolveu num lençol limpo e o colocou num túmulo novo, que ele mesmo havia mandado escavar na rocha. Em seguida, rolou uma grande pedra para fechar a entrada do túmulo, e retirou-se”. (Mateus, 27, 59-60). Os Evangelhos de Marcos (15, 46), Lucas (23, 53) e João (19, 42) também se referem ao tema. Segundo os Evangelhos, foi José de Arimatéia que tomou o corpo de Cristo para ser sepultado. No quadro estão retratados, além de Jesus, José de Arimatéia, Nicodemos e duas mulheres, presumivelmente, Maria, sua mãe e Maria Madalena.

SUPEDÂNEOS

Os **supedâneos**, espécie de degrau, dispostos nos dois lados da nave, são confeccionados em alvenaria e revestidos de azulejos nas cores branca e azul. Os desenhos com traços expressionistas e cubistas, de autoria de Portinari, retratam os dois animais que apresentam uma conotação simbólica relevante no contexto das tradições cristãs. Segundo as narrativas que citam a trajetória da vida de São Francisco, os pássaros correspondem à busca de identidade do Santo com os animais, já os peixes são o símbolo de Cristo.



SUPEDÂNEOS

CORO

8. Local da igreja onde se juntam os padres para rezar ou cantar durante os ofícios divinos. Geralmente o coro é colocado em piso sobreelevado, acima da porta de acesso e no começo da nave. Outras vezes, está situado no fundo da capela-mor, segundo a tradição romana (CORONA e LEMOS, 2017, p.

O painel decorativo do coro⁸, também produzido em alvenaria, apresenta na parte frontal do guarda-corpo revestimento em azulejo nas cores azul e branco, com desenhos também de autoria de Cândido Portinari, onde o artista representou figuras estilizadas de pássaros em revoadas e enquadradas em losangos.



CORO

Fonte: Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, 2022.

OS ARTISTAS

ALFREDO CESCHIATTI nasceu em 01 de setembro de 1918, na cidade de Belo Horizonte. Na infância, frequentou a instituição de ensino dirigido pela educadora Helena Antipoff, neste período de formação revelou-se o talento para as artes.

Nos anos 30 viajou para a Itália, lá obteve influência da arte europeia. De volta ao Brasil em 1940, passou a estudar na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), onde se dedicou aos estudos sobre escultura, e teve aulas com o professor Corrêa Lima (1887 - 1974), docente e membro do Conselho Superior de Belas Artes.

Em 1943, volta a sua cidade natal para trabalhar no Conjunto Arquitetônico da Pampulha a convite de Oscar Niemeyer. Neste projeto modernista, foi o responsável pela ornamentação em baixo relevo do batistério da Igreja São Francisco de Assis, sendo o único artista mineiro a compor a equipe de Niemeyer. No ano de 1945, conquista, com essa obra, o prêmio do 51º Salão Nacional de Belas Artes. Ainda na década de 1940, o escultor retorna para a Europa e lá conhece as obras de Max Bill (1908 - 1994), Henri Laurens (1885 - 1945), Giacomo Manzú (1908 - 1991) e Aristide Maillol (1861 - 1944).

Em 1948, no Rio de Janeiro, ele promove a sua primeira exposição individual na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil - IAB. No ano de 1956, integra a equipe de artistas vencedores do concurso de projetos para o Monumento da Segunda Guerra Mundial. Além disso, foi o principal escultor dos projetos na Capital Federal, onde se tornou professor da Universidade de Brasília (UnB), instituição na qual deu aulas de escultura e desenho. Diversas obras do artista estão dispostas em lugares de grande relevância, como por exemplo, a Pietá, escultura que se encontra no Santuário de Nossa Senhora da Piedade/MG. O artista faleceu em 1989, aos 70 anos, no Rio de Janeiro.



CANDIDO TORQUATO PORTINARI nasceu em 30 de dezembro de 1903, na cidade de Brodowski, interior paulista. Na infância manifestou seus dons artísticos, aos seis anos de idade já desenhava.

Na adolescência matriculou-se no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Ao longo de sua formação, Portinari vivenciou dois momentos da história das artes plásticas brasileira, “o do chamado academismo e o das propostas modernizantes, destacando-se, no primeiro, pela qualidade e apuro técnico de seu trabalho e, no segundo, pelas experimentações a que já se dedicava” (TEIXEIRA, 2008, p.55).

No final dos anos 1920, realizou a sua primeira exposição individual. Viveu dois anos no estrangeiro e durante este período conheceu com diversos artistas, dentre estes, Pablo Picasso, o qual foi fonte de inspiração para sua produção artística.

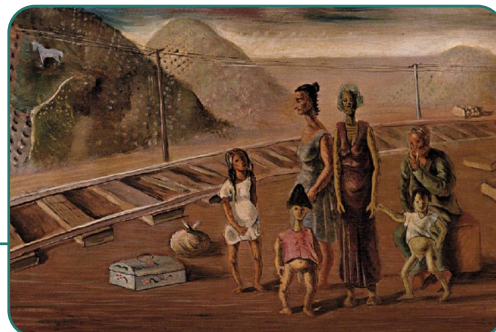
De volta ao Brasil, em 1931, Portinari estabeleceu residência no Rio de Janeiro. Neste período elabora muitas obras e, com grande maestria, transmite, por meio da arte, o seu compromisso com as temáticas sociais e culturais brasileiras.

Em 1934, **produziu a primeira obra que expressava sua visão social intitulada “Despejados”**. Dois anos mais tarde, desenvolveu uma série de painéis monumentais que abordavam temas históricos, religiosos e aspectos da realidade brasileira.

Destacam-se três produções, sendo duas delas encontradas no estado do Rio de Janeiro e a terceira em Belo Horizonte. A primeira intitula-se **Monumento Rodoviário** (1936), preparada em comemoração à construção da rodovia Presidente Dutra, a segunda foi criada como um ornamento para o prédio de linhas modernistas edificado para abrigar o **Ministério da Educação e Saúde, hoje Palácio Gustavo Capanema** (1936-1944). O terceiro trabalho foi a produção dos elementos artísticos do Santuário Arquidiocesano de São Francisco de Assis (1945).

Com tamanha dinamicidade de produção, o artista recorreu a diversos suportes, como reboco sobre parede de alvenaria, madeira, eucatex, tela e outros. Dedicou-se ainda a outras experimentações, como a ilustração de livros e a produção de cenários teatrais.

Candido Portinari, faleceu em 1962. Reconhecido internacionalmente, suas obras estão expostas em museus do país e do exterior.



OSCAR RIBEIRO DE ALMEIDA DE NIEMEYER SOARES nasceu em 15 de dezembro de 1907, na cidade do Rio de Janeiro. Na juventude estudou no Colégio dos Barnabitas Santo Antônio Maria Zaccaria, onde concluiu o ensino secundário.

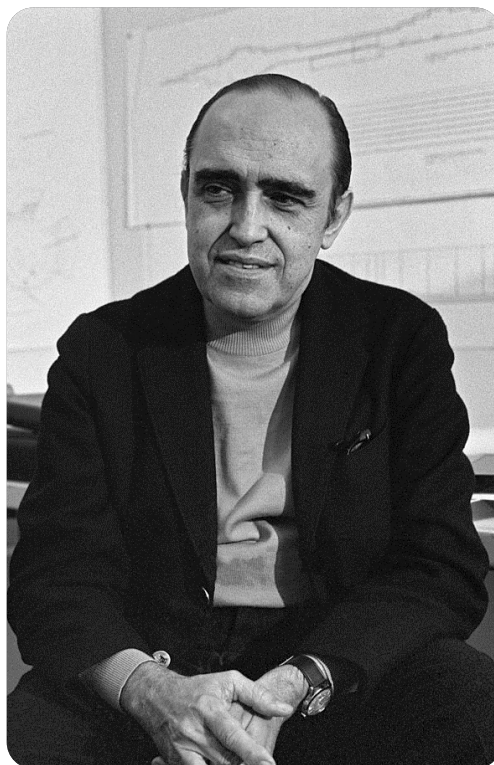
Em 1929, matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes, concluindo o curso em 1934 quando, diante da reforma curricular na instituição, obteve o diploma de engenheiro arquiteto. Em 1935, passou a trabalhar como voluntário, no escritório de arquitetura de Lúcio Costa e Carlos Leão.

Trabalho, com outros técnicos e arquitetos, na elaboração do projeto do Ministério da Educação e Saúde, atual Palácio da Cultura, no Rio de Janeiro. Esta iniciativa contou com a participação do arquiteto franco-suíço, Le Corbusier.

Na sequência, Niemeyer elaborou o projeto da Obra do Berço no Rio de Janeiro⁹. Entre 1940 e 1943, ficou responsável pela execução do conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte, projeto encomendado pelo então prefeito, Juscelino Kubitschek. Nessa empreitada individual, explorou pioneiramente as possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado.

No final da década de 1940, ele conseguiu uma autorização especial do governo dos Estados Unidos para o projeto da sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Esta concessão foi necessária devido à sua integração ao Partido Comunista Brasileiro.

No ano de 1956, com a eleição de JK à presidência do Brasil, mais uma vez Niemeyer é convocado pelo mandatário a participar da construção da nova capital federal, Brasília. **Ele assumiu a chefia da comissão construtora da Companhia Urbanizadora da Nova Capital - Novacap - quando fica responsável pela execução dos projetos arquitetônicos do**



9. Segundo pesquisas que ressaltam as suas obras, este foi o seu primeiro projeto, no qual inovou a arquitetura com o sistema brise-soleil.

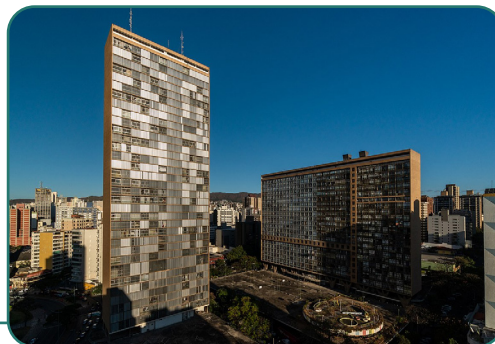
Palácio do Planalto, do Alvorada, Congresso Nacional, os Ministérios e os Tribunais, o Teatro e a Catedral Metropolitana.

Devido ao trabalho empregado no Conjunto Arquitetônico da Pampulha, ele recebeu novos convites para executar outros projetos na capital mineira, entre os quais o Colégio Estadual Central, hoje Escola Estadual “Governador Milton Campos”, o **edifício Juscelino Kubitschek**, popularmente conhecido como Conjunto JK, a Biblioteca Pública Estadual e o **edifício Niemeyer** (ambos localizados na praça da Liberdade) e, por último, o projeto da nova Catedral Cristo Rei, que atualmente encontra-se em construção, localizada no bairro Juliana, zona norte de Belo Horizonte.

Em 1965, após a inauguração da Capital Federal, Niemeyer transferiu-se para Europa e desligou-se das atividades na Universidade de Brasília.

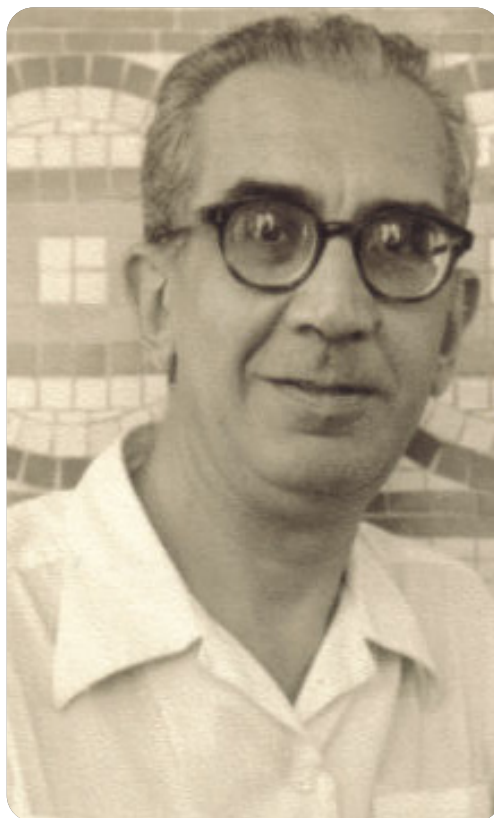
Retornou para o Brasil em meados dos anos 1980, quando concebeu mais projetos, como o Memorial Juscelino Kubitschek, em Brasília, o Sambódromo, no Rio de Janeiro, o Memorial da América Latina, em São Paulo e o Museu de Arte Contemporânea, de Niterói/RJ.

Reconhecido internacionalmente por suas obras, Niemeyer conta com 600 projetos de sua autoria. O arquiteto faleceu no dia 05 de dezembro de 2012, no Rio de Janeiro, aos 104 anos de idade.



PAULO CABRAL DA ROCHA WERNECK nasceu em 29 de julho de 1907, na cidade do Rio de Janeiro, filho de José Inácio Werneck e de Regina Cabral da Rocha Werneck. Viveu parte da sua infância em Paraíba do Sul, interior do Estado. Aos sete anos mudou-se com sua família para a antiga capital federal. Em 1914, ingressou na instituição de ensino Santo Antônio Maria Zaccaria, colégio no qual conheceu Marcelo Roberto e Oscar Niemeyer, amigos que posteriormente se tornariam seus companheiros de trabalho.

Nos anos de 1920, Paulo Werneck enveredou na carreira artística, foi pintor, desenhista e ilustrador de jornais¹⁰ e livros infantis. Em 1935, tornou-se desenhista do escritório de arquitetura dos irmãos Roberto (MMM Roberto), empreendimento do seu amigo Marcelo. Ciente da sensibilidade artística de Werneck, os irmãos Roberto o convidaram a criar uma série de painéis em mosaico cerâmico para o Instituto de Resseguros do Brasil, no Rio de Janeiro.



A encomenda dos painéis para o edifício do IRB promove uma guinada na carreira do artista que encontra nos murais não apenas um interessante novo suporte para a sua arte, mas também um ofício para a vida inteira. No mesmo ano, ele também começa a conversar com Niemeyer sobre os painéis e a azulejaria da Pampulha, o que torna o ano de 1942 crucial na sua vida, por ter sido o ano em que ele se tornou um muralista (REZENDE, 2018. p.96)

Na década de 1940, foi requisitado por Oscar Niemeyer, arquiteto e colega de infância, para integrar a equipe de artistas que o ajudaria na concepção do projeto arquitetônico da Pampulha. Nessa empreitada, ele ficou encarregado de produzir os azulejos de repetição que revestem todos os edifícios do complexo, menos o Santuário Arquidiocesano São Francisco de Assis.

Integrante do movimento modernista, foi um expoente no que tange a introdução da técnica do mosaico no Brasil, tendo elaborado centenas de painéis que demonstraram a perspectiva artística do abstrato em conjunto com os elementos figurativos, introduzidos nos projetos arquitetônicos, que buscavam imprimir às edificações o conceito de modernidade.

10. Segundo pesquisa desenvolvida por Resende (2018), Paulo Werneck trabalhou como ilustrador em diversos periódicos da cidade do Rio de Janeiro, como na Revista Sousa Cruz, Fon-Fon, Para Todos, Esfera, Diretrizes, Sombra, Rio Magazine, Diário de Notícias, A manhã, Correio da Manhã e Imprensa Popular.

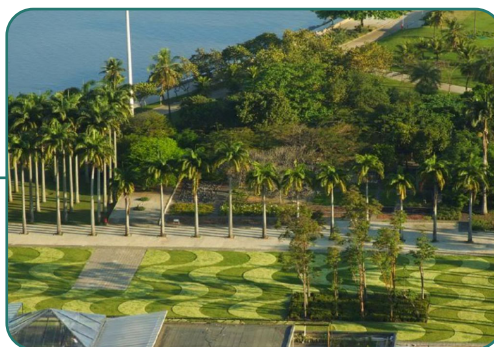
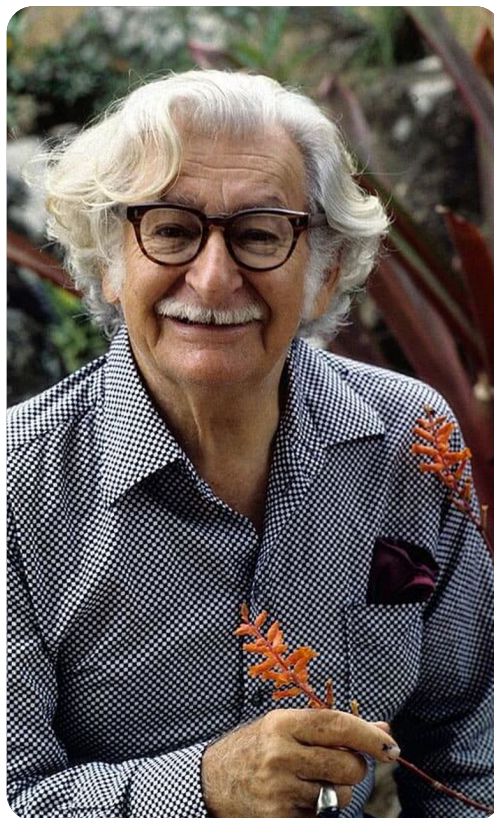
ROBERTO BURLE MARX nasceu em 04 de agosto de 1909, em São Paulo. Aos 18 anos, matriculou-se na Escola Nacional de Belas Artes, mas não chegou a concluir o curso. No final da década de 1920, mudou-se com a família para a Europa. Durante o período que esteve no exterior, Burle Marx ficou fascinado pelos jardins locais, tendo seu interesse pelas plantas aguçado. Neste contexto, ele também vivenciou a arte europeia, tendo visitado galerias, museus e estudado desenhos, pintura e música.

De volta ao Brasil, frequentou a Escola Nacional de Belas Artes (Enba), onde estudou pintura e arquitetura. No ano de 1932, produziu o seu primeiro projeto de jardim, a convite de Lucio Costa (1902-1998). Em 1939, passou a integrar a equipe do arquiteto, contribuindo com o projeto do novo Ministério da Educação e Saúde, e, posteriormente, elaborou os jardins do conjunto arquitetônico da Pampulha, na capital mineira.

Em meados dos anos 1930, o artista exerceu a função de diretor de parques e jardins da cidade do Recife (PE). Em conjunto com o trabalho desenvolvido no Nordeste, teve aulas com Portinari (1903-1962) e Mário de Andrade (1893-1945) no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal. No ano de 1937, passa a trabalhar como assistente de Candido Portinari.

Na década de 1940, Burle Marx associou-se ao botânico Henrique L. de Mello Barreto, com esta parceria ele se dedicou à pesquisa e preservação de espécies nativas do Brasil. **Em 1961, no Rio de Janeiro, concebeu os jardins do Parque do Flamengo**, em um espaço consideravelmente extenso, no qual harmoniosamente integrou os elementos paisagísticos com o espaço de prática esportiva e lazer. Neste mesmo período, trabalhou em Brasília, ornamentando os grandes espaços e os jardins dos palácios e prédios públicos da nova Capital Federal.

Burle Marx apresentou uma nova perspectiva sobre o paisagismo para o Brasil, criou, dentro de uma estética ligada ao Modernismo, um paisagismo tropical com valorização da flora brasileira.



REFERÊNCIAS

ALFREDO Ceschiatti. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10513/alfredo-ceschiatti>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

BÍBLIA. Português. Apresentação. In: Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990. Disponível em: <http://www.paulus.com.br/BP/_P2.HTM>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

CANDIDO Portinari. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10686/candido-portinari>>. Acesso em: 21 de jun. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

CAVALCANTI, Lauro. Moderno e brasileiro: a história de uma nova linguagem na arquitetura (1930-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CORONA, Eduardo e LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. São Paulo: Artshow Books. Acesso em: 07 fev. 2023.1989.

MARTINS, Carlos. Paulo Werneck: arte nos muros. In: Paulo Werneck: muralista brasileiro. Catálogo da exposição realizada no Paço Imperial entre os dias 18 de setembro e 09 de novembro de 2008.

OSIRARTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao435011/osirarte>. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

REZENDE, Suzanna Ramalho de. Paulo Werneck: A produção mural e a arquitetura moderna brasileira. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-04072018-104956/publico/2018_SuzannaRamalhoDeRezende_VOrig.pdf> Acesso em: nov. 2022.

ROCCA, Sandra Vasco Dir. et al. - Thesaurus - Vocabulário de Objetos do Culto Católico. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança, 2004.

TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. Igreja de São Francisco de Assis - Pampulha: guia do visitante. Belo Horizonte. PUC Minas, 2008.
NIEMEYER, Oscar. Minha experiência em Brasília. Editorial Vitória, 4 ed. Rio de Janeiro, 2006.



REALIZAÇÃO

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

VICARIATO EPISCOPAL PARA A AÇÃO MISSIONÁRIA NA ARTE, CULTURA E BENS CULTURAIS

Dom Nivaldo dos Santos Ferreira

Pe. Wellington Eládio Nazaré Faria

MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE

Maria Goretti Gabrich Fonseca Freire Ramos

Pe. Marcelo do Carmo Ferreira

Rayane Soares Rosário

Luciana da Silva Araújo

SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Pe. Ednei Almeida Costa

Abel José de Oliveira

Carlos Antônio Barbosa

Maria Goretti Gabrich

Rayane Rosário

EQUIPE TÉCNICA

Luciana Araújo - Historiadora.

Rayane Rosário - Museóloga.

Maria Clara Zócoli Perácio - Estagiária de História.

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO

Maria Fernanda Pereira de Sá

FOTOGRAFIA DA CAPA:

Leonardo Rodrigues D' Amato





SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO
**SÃO FRANCISCO
DE ASSIS**



MEMORIAL DA
ARQUIDIOCESE
DE BELO HORIZONTE



VICARIATO EPISCOPAL PARA
AÇÃO MISSIONÁRIA
ARTE, CULTURA E BENS CULTURAIS

ARQUIDIOCESE
DE BELO HORIZONTE

